

O DESEMPREGO E A EMIGRAÇÃO

Entrevistado, disse o ministro da Agricultura a um jornalista que a crise do desemprego é impossível solucionar-se sem a emigração. E' estranha esta afirmação, que não podemos deixar de comentar.

Afigura-se-nos obedecer a um critério demasiadamente simplista. Efectivamente parece fazer supor que o ministro vendo braços a mais, entende que reduzindo o seu número poderia garantir o trabalho aos que ficasse.

O que seria necessário era remover as causas que determinam a crise e atalhar por medidas de ocasião à miséria dos desempregados enquanto se não volta ao equilíbrio de antes da guerra. Porque a verdade é que se se criaram certas indústrias artificialmente, que não poderiam viver senão "da diferença cambial que dava aos produtos um valor ouro baixíssimo, podendo concorrer com os estrangeiros não em qualidade mas em preço, indústrias que agora estão condenadas a desaparecer, a verdade é também que o pessoal que essas indústrias absorveram devia faltar noutras que poderiam comportar mais pessoal. Regularizada a vida económica, mesmo depois de desaparecidas essas indústrias criadas artificialmente, era natural que o trabalho chegassem para todos.

Este é que é o problema e não o resolver é demonstrar que a sociedade capitalista falhou e não tem outras soluções senão estas. A emigração poderia por ventura, pela redução dos desempregados que já ficavam, ser um expediente para o governo; mas em que situação ficariam os emigrados?

A saída do ministro parece querer alijar a responsabilidade da não solução da crise para os países que proibiram a imigração ou a regularizaram por forma que só lá entram os estrangeiros em percentagens insignificantes.

A emigração é um recurso extremo, desesperado. Lembrá-lo é mostrar que se não tem nenhum expediente para resolver o problema.

Trabalho é que é necessário. O nosso desejo é que de forma nenhuma se repitam espectáculos dolorosos como o dos cortejos de desempregados, que representam uma humilhação não apenas para o operariado como para a própria espécie humana.

Tudo quanto seja evitar êsses gestos degradantes, dando trabalho aos operários de forma que elos possam receber com dignidade e sem aviltamento os recursos de que necessitam para viver, terá o nosso assentimento.

Mas a desculpa de que a falta de emigração é que é o mal e deixar como único recurso aos desempregados o peditório nas ruas é o que há de mais lamentável como processo de remediar a actual situação.

Evitando equívocos

No centro de 5 de outubro, houve uma reunião política na qual, além dum moção de apoio ao dr. sr. José Domingues dos Santos, se aprovou um protesto por não ter sido substituído o actual Comissário dos Abastecimentos. Como o candidato a este cargo é o sr. Luís dos Santos Pombinha, vem a propósito um esclarecimento.

Tem-se propagado com insistência que aquele, sr. e apoiado pela C. G. T. Para destruir tal assertão basta-nos declarar que nunca o conhecemos nem mais magro, nem mais gordo. Para nós o sr. Pombinha é apenas uma pessoa que não conhecemos.

Escandaloso

O sr. Norton de Matos, embaixador de Portugal em Londres, tem a pesar-lhe na consciência várias acusações graves, entre elas a de desmandos financeiros praticados durante o tempo que exerceu o cargo de Alto Comissário em Angola.

Não fazia sentido, e constituiu uma exceção escandalosa, que o sr. Norton de Matos, enquanto lhe sindicavam os actos de alto comissário, isto é, enquanto se encontrava em situação suspeita, continuasse a exercer uma missão oficial de tanta importância, como a de embaixador.

Por isso, o sr. Norton veio a Lisboa, afastando-se momentaneamente do cargo que ocupava.

Com grande surpresa de toda a gente o sr. Norton partiu anteontem para Londres, onde vai continuar a exercer o cargo de embaixador de Portugal.

Não se comprehende que especie de moralidade é esta que permite tamanhos desmandos, que chegam a atingir o escândalo.

A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA



Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Câmaras de Imprensa e Esterioríspas
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras...
...não se devolvem os originais... Os artigos publicados são responsáveis os seus autores

NA ALEMANHA

Sociais-democratas à frente de empresas capitalistas

Os sindicatos reformistas incitam os operários a votar nos partidos cúmplices da burguesia alemã

O alvoroço eleitoral está contaminando cada vez mais o proletariado. A classe operária está sendo ludibriada tanto pela social-democracia como pelo partido comunista.

O órgão central do partido comunista da Alemanha, em Berlim, publica várias descobertas feitas sobre a participação de chefes proeminentes dos sociais-democratas em empresas capitalistas. O conhecido social-democrata Heilmann, o ex-chanceler social-democrata Gustav Bauer e o filho do presidente da república, o social-democrata Ebert, todos estão interessados na grande firma capitalista Barmat e esta empresa paga-lhes muito bem os serviços que elas lhe prestam no governo. Heilmann ainda hoje é membro do conselho fiscal da companhia Barmat. Em resposta às publicações aliadas, o Vorwärts, órgão do partido social-democrata da Alemanha, correu as cortinas e mostrou a corrupção que impera no seio do partido comunista, pondo-se a dizer que um dos chefes principais do partido comunista, Wilhelm Koeven, estava igualmente em íntimas relações com a firma exploradora Barmat. Também disse que a fração comunista rogara ao social-democrata Heilmann que pedisse a Sobottka, deputado e personagem influente na I. S. V., um lugar no conselho fiscal da grande sociedade anônima prussiana. O social-democrata Heilmann assim fez e o partido comunista agradeceu ao "traidor" Heilmann por ter obtido um lugar administrativo rendoso a um seu correligionário, o revolucionário e traga-sindicalista Sobottka.

Só estas as pessoas que nos apelidam, a nós sindicalistas revolucionários, de defensores do capitalismo, chamando-se a si próprios "vanguarda do proletariado". Esses sujeitos, que fazem da seita exploradora da classe operária, participando nas empresas capitalistas, atrevem-se a falar na unificação do proletariado nas suas organizações.

Os trabalhadores devem desmascarar essa canibal política, idêntica em todos os países! Que o proletariado mundial pense que êsses elementos corruptos são compostos de porta-vozes da II Internacional de Londres e da Internacional Sindical Vermelha de Moscovo. Todo o revolucionário honesto deve astafar-se com desdém desses lacaios do capital.

Os sindicatos reformistas e as eleições no Reichstag

A Allgemeine Deutsche Gewerkschaftsbund, aderente à Internacional Sindical de Amsterdão, dirigiu aos seus membros e à classe operária da Alemanha um manifesto incitando a votar nas eleições de 7 de Dezembro, pelo partido social-democrata.

Foi preso como vagabundo. Um dia por suspeita a polícia atirou-o para um calabouço.

Quando de lá saiu, coberto de vermes e com a vida desfeita, diante de si, a colocar-lhe arame farpado, à liberdade, ergueu-se de todos os lados o espetro de fome, agravado com a circunstância de não poder encontrar trabalho, porque ninguém receberia um indivíduo andrajoso, com todo o aspecto miserável dum presidiário faminto Atrapado para uma vagabundagem forçada, um dia vai parar à colônia penal. Rejubilo! Uma colônia penal agrícola, que diabo, não é uma prisão!

Não se procura ali reprimir o crime, com o conceito que transforma a justiça em instrumento de vingança.

A colônia não seria um calabouço imundo onde se aprende a odiar a lei e a sociedade. Ali, era uma casa onde se aprende a bem dizer o trabalho, porque o trabalho era a liberdade, era o meio de poder realizar o ingresso na vida social, era fim, a regeneração.

Que estúpida farçada...

Aquela gente, vagabundos, miseráveis, a quem todos os horrores da vida gastaram

INSTITUIÇÕES BURGUESAS

Como nas colónias penais se faz a regeneração pelo trabalho

Já devem ter reparado, e se não repararam, pior, mais sintomático... Há na Avenida da Liberdade uns céstos de arame em forma de urnas eleitorais, que se destinam, parece, a recolher o lixo que circula pelas algibeiras dos passeantes, que, sendo pessoas muito educadas, com uma educação que pode ser devidamente apreciada pelos turistas estrangeiros, não vão atirar à via pública com o tal lixo ofensivo das virtudes cívicas. Claro que os tais céstos existem para pretexto dum medida camararia, que perante as nações civilizadas afirma que o país é tam progressivo que possível, para uso dos cidadãos, uns receptáculos de arame, comparativos do lixo, que como nas boas capitais estrangeiras, não deve exhibir-se nos pavimentos das ruas...

A intenção, não obstante a imundice circular por toda a parte, é demonstrar que de facto se cuida a sério da sanidade cívica.

Colocam-se então uns céstos em que ninguém repara, tudo continua na mesma, e perante os olhares pedidos dos estrangeiros, somos pessoas com hábitos de aseio, como na Holanda, e outros países que costume estar em casos tais...

São assim as instituições burguesas... Cria-se um organismo, para um fim que vêm apenas expresso na retórica balofa de se, para que de facto em nada venha atenuar a necessidade da sua criação.

Aqui está uma bela ideia, a melhor talvez, que tem sido propagada na repressão do crime: a regeneração pelo trabalho.

Os incertos ouvem falar disto, ouvem depois murmurar que existe um organismo, uma instituição que visa aquele fim, e logicamente, ficam tranquilos. Um grande problema social está resolvido.

Burla tremenda!

Vamos ver como se procura efectivar a tal regeneração pelo trabalho.

Está aqui, diante de nós um candidato à regeneração, um homem que esteve na colônia penal agrícola, instalada na antiga quinta da condessa de Margarida.

Foi preso como vagabundo. Um dia por suspeita a polícia atirou-o para um calabouço.

Quando de lá saiu, coberto de vermes e com a vida desfeita, diante de si, a colocar-lhe arame farpado, à liberdade, ergueu-se de todos os lados o espetro de fome, agravado com a circunstância de não poder encontrar trabalho, porque ninguém receberia um indivíduo andrajoso, com todo o aspecto miserável dum presidiário faminto Atrapado para uma vagabundagem forçada, um dia vai parar à colônia penal. Rejubilo! Uma colônia penal agrícola, que diabo, não é uma prisão!

Não se procura ali reprimir o crime, com o conceito que transforma a justiça em instrumento de vingança.

A colônia não seria um calabouço imundo onde se aprende a odiar a lei e a sociedade. Ali, era uma casa onde se aprende a bem dizer o trabalho, porque o trabalho era a liberdade, era o meio de poder realizar o ingresso na vida social, era fim, a regeneração.

Que estúpida farçada...

Aquela gente, vagabundos, miseráveis, a quem todos os horrores da vida gastaram

todas as energias, farrapos humanos, a quem a fome, o frio, transformaram num animais deputados, trabalham brutalmente, de sol a sol, sob a noite da serra de Sintra, e a brisa húmida do oceano. Os guarda vigiam este novo suplício, a que se deu o sonante apelido de trabalho.

Uma queixa, uma paragem, é tomada como um acto de indisciplina, que vai influir no tempo da reclusão. Desgraçados, fóra de lei, sem nenhum direito, desses convencionais direitos do cidadão, as birras dos guarda supõem-nas sem recurso, porque ninguém os ouve, ninguém os quer escutar. Sobre o cansaço do trabalho violento, uma alimentação deficiente, sem apetito, uma melhoria deficiente, sem castigos com a reclusão no Segredo dos melgas.

Oh! Este segredo...

E' um calabouço situado sob uma pocilga de porcos. As melgas ali abundam de tal modo que os reclusos saem de lá, inchados de picadas...

-Mas qual é finalmente a obra de regeneração? O Trabalho? Mas se o trabalho, tal como é executado, só inspira odio...

Admitindo que um colono resiste a tudo isto, que não se revolta, que não pretende fugir, que trabalha, que não dá aos guarda pretexitos para queixas, enfim, que o resultado é tudo como modelo?

Como entra ela na vida?

Consegue de facto a regeneração? Impossível!

O desgraçado entrou para a colônia, esfarrapado, descalço. Recolhem os seus andrados e fazem-lhe envergar uma calça de cotim, uma blusa de ganga e um panamá. Conhecem a dificuldade da roupa limpa, da calma certa, assada.

Trabalhos por conta do Estado:

1.º Continuação da estrada que vai do Tortozendo à Casal da Serra. Esta estrada cuja construção foi iniciada em 1913 ficou em meio.

2.º Reparação da estrada que vai do Tortozendo à Covilhã e que se encontra intran-

sável.

3.º Reparação das ruas desta vila.

Construção Civil de Montemor-o-Novo

Recebemos a seguinte exposição do Sindicato dos operários da construção civil de Montemor-o-Novo:

Trabalhos por conta do Município:

1.º Canalização das águas para consumo público. Para a efectivação destas obras entram-se 50 contos na Caixa Geral dos Depósitos.

2.º Construção dum pavilhão-enfermaria para tuberculosos no hospital desta vila. Para este pavilhão existem 18 contos na Caixa Geral dos Depósitos.

3.º Reconstrução do teatro que há 2 anos foi destruído por um incêndio.

4.º Reparação de várias ruas e calceteamento da rua de Aviz que devido ao pouco escoamento é, de inverno, intranitável.

5.º Construção dum mercado público.

6.º Acabamento das sentinelas públicas há tempos iniciadas.

7.º Afornamento da herda de Aduar que tem 400 hectares e que será aproveitado para a construção de 100 a 150 prédios que bastante fazem, devido à crise de habitações. Tendo havido este ano uma tiragem de cortiça, a Câmara podia fazer morar que daria 23.000 sacas de carvão com um rendimento de 230 contos.

8.º Obrigar os proprietários dos prédios que ameaçam ruina a fazer reparações.

Rurais de Elvas

Do sindicato dos rurais de Elvas recebemos as seguintes indicações:

Trabalhos por conta do Estado:

Reparações necessárias nas estradas que vão para Badajoz, Campo Maior e Coimbra.

Trabalhos por conta do Município:

Reparações em várias estradas que se encontram intranitáveis e acabamento da estrada que vai para Jorromela e que há 14 anos se encontra paralisada.

Trabalhos agrícolas:

Vários terrenos incultos poderiam produzir 400 moios de trigo, sendo seus proprietários João do Mestre e José Mendes Companha.

SOB O FASCISMO

Visitas policiais a casas de maiores

ROMA, 7.—Em Florença a polícia realizações várias buscas nas residências de personalidades em destaque na franco-maçonaria, o mesmo sucedendo na habitação do advogado republicano Lattes Perouse.

Em Alexandria, Milão e Veneza deram-se várias agressões a fascistas, que a polícia reprimiu.—(L.)

A situação económica do operariado, devido ao redobramento da crise de trabalho, está parecendo fronteira com a miséria. Ela é infelizmente fatal—originará manifestações mais numerosas e mais dignificantes. Nesse dia, o governo reparará novamente que há crise de trabalho—mandando sair para a praia mafalhadoras. O governo exprimiu assim que tem uma maneira eficaz de resolver a crise: a morte dos operários.

A direcção do Sindicato dos Empregados de Escritório, tendo conhecimento das bárbaras agressões comet

A educação moral na família

III

A sugestibilidade das crianças ou o poder do exemplo

20 - O teatro

O teatro, desde a farça até à tragédia, passando pela comédia, pelo melodrama e pelo drama, não é feita para as crianças.

Esta ideia nem passa pela cabeça de alguns pais.

São esses que se encontram nas salas de espetáculos, acompanhados de filhos algumas vezes muito novos, os quais não escapam muitas vezes à ação perniciosa das peças que lá se representam, senão graças à sua incompreensão, ao seu aborrecimento, à sua fadiga e, enfim, ao sono do qual os tiram nos intervalos para lhes dar uma laranja ou «bon-bons».

Mas as crianças não ficam sempre pequenas e ingênuas. E interessam-se algumas vezes, escutam, compreendem e olham furiosamente o pai ou a mãe para verem o efeito que sobre elas produzem certas frases, certos gestos de actores ou de actrizes, isto é, de personagens que ali se agitam, diante deles, com sua vida fictícia imitando a vida real, em que se ama, se odeia, se atraíoa, se bate, se envenena, se mata com sorrisos, risos, trocas, choros e palavras a propósito.

Pais, não leveis os vossos filhos ao teatro, suplico-vos.

21 - O café, o restaurante

O restaurante! Pode-se, deve-se mesmo lá ir com as crianças, quando a ocasião se apresenta. É sempre uma distração que não tem senão o inconveniente de custar bastante caro.

Quanto aos cafés e outras casas análogas, que sejam «convenientes», «bem postos», em certos casos, admito-o de boa vontade.

Mas então o que são os outros, todos os outros? Sabemo-lo bem. E todos, os «bem postos» e os «mal postos», são lugares insalubres, mal arejados, cheios de poeiras, de micrōbicos, de escarros e de fumo. São lugares «públicos». Os mal-educados, os beberões estão lá à sua vontade. Ali falam, ali gesticulam pouco mais ou menos como entendem, sob o olhar distraído ou complacente do dono do estabelecimento.

O que é que nossos filhos podem ver, ouvir, aprender no café? Nada de bom.

Não os levemos, pois, lá, e nós mesmos, não os frequentemos muito.

OS «FORÇAS-VIVAS»

Um comerciante passador de moeda falsa

Acusados de passarem, cédulas falsas foram presos o moço de padaria, Sebastião Loureiro, e o comerciante Manuel Bento, com padaria na C. São Sebastião da Pedreira. Este, ao que parece, não achando suficientes os proventos de roubar os fregueses na qualidade e no preço do pão, servia-se dos seus moços para pôr a girar as cédulas falsas.

O "horrible crime" de São Vicente

Um padre mentiroso e calunioso

O padre de São Vicente que é um tartofo conservado em água benta, tem andado às tirras com a Junta de Freguesia. Não tem esta levado a melhor na contenda, pois que o padre, a tem indubbiamente e intrigado com uma habilidade igual à sua abençoada falta de escriptos.

A questão começou por que no terraço da igreja se faziam de noite descentes femininos, presididos pelo padre.

Fosse porque aquelas lindas gargantas com a sua linda voz quebrassem vidros no edifício ou que estes se partissem em razão d'outras tropelias, a Comissão Conciliadora dos Bens da Igreja tirou ao padre a chave que dá acesso ao terraço. Avisou-se contudo o preclaro ministro de Deus que a podia mandar buscar, quando quisesse mandar tocar os sinos ou dar corda ao relógio. O padre serviu-se da chave até mandar fazer uma para ele. Depois disso não mais a requistou, voltando novamente a realizar-se no terraço pândegas celestiais e nocturnas, com lindas senhoras entoando cânticos à Ima.

A Comissão Conciliadora para que o relógio não deixasse de funcionar pô-lo a funcionar por sua conta. O padre, então, situou um roubo, artimanha mal sucedida, pois que apareceram os objectos supostamente roubados nas mãos de pessoas que declararam terem-nos recebido do servo do senhor, com a incumbeência de os guardarem.

O mesmo padre manda saber o relógio para assim combater os seus inimigos sem se incomodar com o prejuízo causado às pessoas que moram nas imediações.

Alguns jornais — A Epoca à frente — têm feito lamúria digna de padre enfarrado e morto quando a final tudo se reduz a padre mentiroso e calunioso.

Dens, lá no alto, com a sua infinita misericórdia, aprovava de certo a campanha dos jornais e as petas e burlas do padre.

Agremiações várias

Grémio do Minho. — Continua aberta a inscrição para o grupo desportivo todos os dias das 20 às 22 horas.

A direcção resolviu convocar a assemblea geral para o próximo dia 13, pelas 21 horas, para apreciação de contas do ano transacto e eleição dos novos corpos gerentes.

Um ataque apaixonado que não produz efeito

O dr. Hipólito Boris Knircha é um dos muitos refugiados políticos estrangeiros que vindos acossados pela adversidade, de país em país, aos trambolhões, chegou a Portugal — e ficou. Este país a pesar de todos os seus defeitos, é entretanto acolhedor para os refugiados e o meio lisboeta não é tanto cruel e feroz para o estrangeiro que chega, como o de Paris, por exemplo.

Conhecemos o sr. Boris após a sua chegada a esta cidade e a pesar de nos separar uma profunda divergência ideológica, linhamos e temos por ele a simpatia que nasce espontaneamente de algumas noites de cavaco e de comunhão com o seu espírito culto.

Hoje o dr. Boris Knircha está em circunstâncias incomparavelmente melhores do que aquelas em que se encontrava quando chegou e já se mete a querer influir na política portuguesa de forma a moldá-la ao seu natural desejo de desforra que alimenta contra os bolchevistas.

Acérca do reconhecimento dos Sovjetes pelo governo português permitiu-se vir, já por duas vezes, às colunas dos jornais — um deles profundamente reacionário e adverso não só ao regime, como as mais tenues manifestações de liberdade — fazer uma campanha desfavorável ao governo russo e condenando as resoluções do governo português.

Ora, o sr. Boris Knircha é uma pessoa suspeitissima para fazer apreciações acerca do governo russo, pela razão única de ter desempenhado um papel importante nos acontecimentos que precederam a revolução maximalista. Acérro partidário de Kerensky, tendo sido seu secretário, não pode o sr. Knircha perdoar aos bolchevistas o termelhe aniquilado essa situação de desgraça.

Perseguido pela revolução triunfante, o sr. Boris sofreu o que qualquer de nós poderia calendar. Esse sofrimento, que é respetável, é ao mesmo tempo a razão que tira às suas declarações acerca do bolchevismo e do actual governo russo todo o valor que teriam se fossem proferidas por qualquer pessoa imparcial que não tivesse, como o sr. Boris, andado envolvido nos acontecimentos.

Temos na conta de inteligente o referido advogado russo e confiamos que essa inteligência lhe mostrará a razão que nos assiste a o apreciarlo assim.

As suas afirmações acerca da Rússia actual são animadas — isso sente-se na maneira como ataca — do rancor, do ódio próprio do vencido. Essa paixão anula o valor dos seus depoimentos.

O sr. Boris é um patriota, é no-lo confessou algumas vezes. E estranhou é que um patriota tanto se empene em denegrir a sua pátria aos olhos dos estrangeiros.

Para terminar isto do Portugal não reconhecer a Rússia dos Sovjetes porque o sr. Knircha seria ferido nos seus sentimentos políticos, não lembraria ao demônio...

SAÚDE PÚBLICA

Vacina contra a raiva

Como tentativa para a diminuição da raiva em Portugal, o Instituto Câmara Pestana preparou e vai fornecer ao público, a baixo preço, a vacina de Umeno, que tem sido empregada com êxito no seu país de origem, o Japão onde têm sido vacinados mais de cem mil cães.

As experiências feitas há um ano pelo médico-veterinário sr. dr. Correia Mendes, no canil municipal de Lisboa, com a vacina preparada no Instituto Câmara Pestana, mostram que ela é como as lá fóra se fazem infensivas. A vacina, que deve ser aplicada pelo médico-veterinário, é preventiva e destina-se a animais que não tenham sido mordidos.

Para as pessoas que desejam utilizá-la para os seus cães, abre desde já o Instituto uma inscrição, até organizar definitivamente e em maior escala este serviço, de modo a poder generalizá-lo o mais possível.

Câmara Municipal

Reparação dos pavimentos da cidade

Em sessão ordinária da comissão executiva da Câmara Municipal foi ontem aprovada uma proposta no sentido de se pedir autorização à Câmara para negociar um empréstimo de 6.000 contos, a fim de poder ser reparados e modificados os pavimentos de Lisboa, que se encontram em estado lastimoso.

As barracas de peixe do Comissariado

Vários membros da comissão Executiva protestaram contra o facto do Comissariado dos Abastecimentos em qualquer local montar barracas para venda de peixe, isto a propósito do que foi instalado na Praça do Rio de Janeiro, o que consideram abusivo atentatório da estética da cidade, pelo que foi ordenada a remoção da dita barraca.

Numa das peças em ensaios no Nacional, «Le Bien-Aimé», Jacques Deva, o papel de ingénua será interpretado por Ilda Stichini e Gremilda de Oliveira fará da dama gaia, papel intensamente dramático.

FESTA ESCOLAR

Hoje, pelas 15,30 horas, realiza-se, na Escola Comercial Veiga Beirão, a distribuição de prémios denominados «Dr. Júlio Martins», aos alunos dos cursos diurnos e nocturnos que concluíram o curso no ano lectivo findo e que obtiveram as melhores classificações.

Em seguida à sessão os alunos de ambos os sexos da aula de ginástica executarão exercícios de ginástica suave e serão entoadas algumas canções pelos alunos da classe de canto coral, em número de 120.

TEATRO APOLÓ DESPEDIDAS DA COMPANHIA PENÚLTIMO DO

Homem que assassinou

SÁBADO — Única da imortal peça

O AMOR DE PERDIÇÃO

O papel de João da Cruz velo ilustre actor António Pinheiro

NO LIMOEIRO

Uma visita selvaticamente agredida pela guarda republicana

A guarda de serviço à cadeia do Limoeiro, inviavelmente composta por praças da G. N. R., com o seu boçal e estúpido critério de considerar os presos seres isolados da vida, em obediência a um arcaico e desumano regulamento, constantemente põe em perigo a tranquilidade, não só dos presos, como dos mortais que necessitam passar junto ao velho pardieiro, que foi moradia do Conde de Andeiro.

E' hábito das visitas despedirem-se das presas, uma vez ainda no pátio da cadeia, outras, porém, já na rua.

As sentinelas não permitem essa singela manifestação de despedida, e já aqui temos relatado factos desagradáveis em que o espírito grosseiro da sentinelha é agente provocador.

Ontem, cerca das 17 horas, quando saía de visitar os presos o operário Álvaro Damas, repetiu o pequeno aceno de adeus aos encarcerados.

Pois isto foi o bastante para exacerbar o furor da sentinelha que, sem outra explicação, o prendeu, agredindo-o depois à corrida e levando-o para a casa da guarda.

Ali, Damas foi selvaticamente agredido à coronha pelos soldados, agressão que lhe produziu alguns ferimentos, especialmente na cara, feito com o cano dum canhão.

Foi em presença desta infâmia que os presos ergueram os seus protestos que a guarda quis abafar heroicamente, apontando que era a sua vida.

Alvaro Damas foi depois restituído à liberdade, tendo que ir receber curativo dos ferimentos recebidos.

Cabe-nos agora perguntar, se o torno d'água da guarda aos presos, qualquer dia não provocará um conflito de sérias consequências?

E, depois, ainda haverá quem ouça afirmar que os presos são elementos perigosos, só por cumprimentarem as suas visitas?

Maior espírito humano dos guarda e menor rigor nas instruções dadas aos guarda, impõe-se, como medida de tranquilidade dos transeuntes e de segurança das vias das práticas presos!

AGRESSÃO GRAVE

Com uma facada no ventre

No café Bom, da rua da Beteira, Raul Ferreira, 19 anos, cordoíro, ruas do Carvalho, 29, 2°, teve uma questão com um indivíduo que não conhece, que lhe vibrou uma facada no ventre, ocasionando-lhe a saída das intestinos.

Foi transportado ao hospital de São José, recolhendo em estado grave à saída de observações.

LEDE E PROPAGAI

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

Queixas e reclamações

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

O regime das 44 horas na Austrália

Vai ser introduzido em todas as indústrias de Queensland, Austrália, o regime das 44 horas de trabalho por semana.

Já gozam presentemente deste regime cerca de dois terços dos operários deste Estado e como a produção com este horário tem sido maior do que era anticamente, foi por isso que o governo trabalhista resolveu fazer uma lei, afim de que este regime seja introduzido em todas as indústrias.

Apesar das curtas horas de trabalho e dos salários elevados a Queensland o estado mais próspero da Austrália.

Victoria dos tecelões em sede de Paterson

Os tecelões em sede de Paterson conseguiram, depois, dumas áspera luta, que durou quatro meses, que lhes fosse concedido um aumento de 15% no salário.

Durante a luta, na qual tomaram parte mil operários, milhares de dólares foram enviados aos grevistas pelas organizações operárias de Paterson e outras localidades.

Manifestação dos sem trabalho na Austrália

Alguns operários sem trabalho em Sidney, Austrália, invadiram o parlamento da Nova Gales do Sul, para perturbar a tranquilidade dos políticos reclamados nos corredores da assembleia legislativa.

Sem qualquer aviso dois homens subiram à galeria dos visitantes e disseram: «Queremos trabalho!». Os legisladores olharam assombrados para estes «desmanteladores» e ordenaram à polícia que os expulsasse. Nessa ocasião um outro desempregado levantou-se, dizendo aos legisladores: «Iá crianças sofrendo fome nesta cidade, e vós estais aqui divertindo-vos!». Foi também expulso imediatamente.

E como outros dois operários também se quisessem manifestar, foi ordenado que a galeria fosse evacuada, para os legisladores poderem terminar a sua sessão tranquilamente recostados nos seus confortáveis assentos.

LEDE E PROPAGAI

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

Zélo policial

A polícia, que tam pressurosa se mostra quando tem pretexto para proceder brutalmente para com o público, vem permitindo que este seja escandalosamente roubado pelos industriais de padaria.

Assim, na área de Campolide, todas as padarias independentes fornecem aos vendedores a domicílio pães de meio quilo com diferenças no peso de 100 e 120 gramas. A polícia incumbida de fiscalizar o peso do pão, verifica essas faltas e deixa andar...

A par disso, um polícia da esquadra da Pampulha, encontrando na segunda-feira, 5, o vendedor António Marques da Silva, na padaria da Rua Sarauva Carvalho, 38, verificou o peso do pão encontrando uma falta de 30 gramas em 10 pães. Ante tal «grave» falta intimou o vendedor a acompanhá-lo à esquadra onde o ameaçou de lhe levantar um auto de resistência à polícia se não depositasse na esquadra 9500\$.

Esta demonstração de zelo ilia-se talvez no facto de o caixero da padaria a que o vendedor pertence não lhe ter dado as «brasas», que ele solicitara no

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JANEIRO

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 7,55
I.	6	13	20	27	Desaparece às 17,31
Q.	7	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	1	8	15	22	Q. C. dia 3 as 9,10
S.	2	9	16	23	Q. M. dia 10 as 10,11
S.	3	10	17	24	L.N. dia 26 as 11,30

MARES DE HOJE

Praiamar às 1,59 e às 2,18
Baixamar às 7,29 e às 7,48

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 50 dias de vista	100\$00	100\$00
Londres, cheque	100\$00	100\$00
Paris	100\$00	100\$00
Suíça	100\$00	100\$00
Bélgica	100\$00	100\$00
Itália	100\$00	100\$00
Holanda	100\$00	100\$00
Moscou	100\$00	100\$00
New-York	100\$00	100\$00
Brasil	100\$00	100\$00
Noruega	100\$00	100\$00
Suecia	100\$00	100\$00
Dinamarca	100\$00	100\$00
Praga	100\$00	100\$00
Buenos Aires	100\$00	100\$00
Viena (1000 coroas)	100\$00	100\$00
Rentmarcos ouro	100\$00	100\$00
Agio do ouro	100\$00	100\$00
Libras ouro	100\$00	100\$00

LOTARIA

Números mais premiados no jogo de azar legalizado que entram e efectuam:

5893.	400.000\$00	1297.	3.000\$00
1626.	60.000\$00	2838.	
6212.	20.000\$00	3577.	
1133.	3.000\$00	7257.	

ESPECTÁCULOS

Teatros:
São Luís—A's 21—A Dança das Libélulas.
Teatro São João—A's 21—O Desejado.
Feliciana—A's 21—E preciso viver.
Trindade—A's 21/25—Maria Antonieta.
Epolo—A's 21,15—O homem que assassinou.
Bemposta—A's 21,15—O Teucador.
Eden—A's 21,25—O Bolo Rei.
Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,28—As Onze Mil Virgens.
Salão São Bento—A's 26,30—Variedades.
Oll Vicente (à Graça)—A's 21—O Cabo Simões.
Tremor Parque—Todas as noites—Concertos e diversões.

CINEMAS

Olimpia—Chiado Terrasse—Salão Central—Cinema Condé—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotora de Educação Popular—Cine Páris—Cine Esperança—Chanteler—Tivoli.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como os óculos e minúsculos tubos de ferro, chaminés de 2 a 3 peças, tâmpões, vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosques.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata (E a casa que fornece em melhores condições).

A venda na administração de "A Batalha"

A Anarquia e a Igreja, por Eliseu Reclus, com uma gravura e biografia do autor..... 1800

Folhas Perdidas, por Augusto de Sousa (sonetos, quadras e fados). 1000

O Amor e a Vida, por Campos Lima (contos). 500

FÁBRICA
deadrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
—TELEF. C. 1244—LISBOA —

Companhia dos Caminhos de Ferro
Portugueses

LEILÃO

Em 12 de Janeiro p.º 1º e duas seguintes, às 12 horas, na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, eem virtude do Aviso ao Públ. A.º 1º de Fevereiro de 1920, do Artigo 114.º da Tárlia Geral e do Artigo 6º da Tarifa de despesas necessárias proceder-se-á a leilão público de todos os bens que se encurtaram nas respectivas prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avise-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retribuir pagando o seu débito à Companhia, para que devendo dirigir-se à Repartição de Reclamações e Litígios na estação do Cais dos Soldados, eem virtude de bens a 10 de fevereiro passado, e das 10 às 16 horas.

O leilão realiza-se no novo Armazém situado ao fundo do molho E.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada da Santa Apolónia, dentro de gradeamento.

Lisboa, 22 de Dezembro de 1920.

O Director, General da Companhia — Ferreira Mesquita.

— E interrompendo-se, acrescentou com uma explosão de cólera:

— Oh! essa raça de condes de Paris, odeio-a! roubam-nos de mais a mais o ducado de França...

Olha, crê-me, querida menina, ésses homens são os nossos inimigos mais poderosos! tu verás que um belo dia Roth-berto me destronará de todo, como seu irmão Eudes destronou Karl o Gordo! Oh! raça audaciosa e rapinante! com que felicidade eu te exterminaria, se tivesse a força de Karl o Grande! Mas estou sem coragem... não me atrevo sequer a mandá-los matar! elas bem o sabem. Por isso me espesinharam!

— Pego-lhe, meu terno pai, que afaste para longe de si essas sinistras ideias... Mas o que lhe disse o conde de Paris?

— Disse-me em primeiro lugar que os north-mands estavam em frente de Paris!

— Os north-mands! exclamou Ghisela com espanto, fazendo-se pálida e estremecendo tóda. Os north-mands em frente de Paris! oh! desgraça! infelizes de nos!

E escondeu entre as mãos o rosto lívido, balançado de lágrimas, enquanto o rei, não se atrevendo a levantar os olhos para ela, continuava com um cruel abraço, hesitando e balbuciando a cada palavra:

— O conde de Paris disse-me que os north-mands estavam defronte da cidade. Eu respondi-lhe: «Que queres tu que eu faça a isso? não temo soldados e menos ainda dinheiro, que os senhores, possuidores de quase toda a Gália, conquista dos meus antepassados, defendam as suas possessões, isso é com elas.»

— Roth-berto respondeu-me: «Os north-mands ameaçam pôr Paris a fogo e a sangue, devastando novamente a Gália; não é possível resistir-lhes. A maior parte dos vilões e servos, quando se não reuniam a esses demônios para saquear, recusam-se a combatê-los; os nossos guerreiros e nós outros senhores, sómos em muito pequeno número para fazermos frente aos piratas: é mister pois pactuar com elas.» Enfim,

bem podes calcular, minha pobre Ghisela, que eu respondi ao conde: «Pois bem, pactua, isso é contigo, visto que os pagões devoram a tua cidade de Paris e estão no centro do teu ducado de França.

— Assim fiz, respondeu-me Roth-berto. Pactuei em teu nome com os enviados de Rolf, o chefe dos north-mands.

— Que! meu pai, pois vive ainda esse homem! murmurou Ghisela pondo as mãos com horror, esse pirata manchado de tantos crimes, de tantos sacrilégios, esse monstro, que causou a morte da minha mãe!

— Ah! sim, vive ainda para infelicidade tua, querida menina; porque o malito Roth-berto, a fim de salvar a sua cidade de Paris e o seu ducado de França das garras do velho salteador, prometeu em meu nome que eu lhe cederia a Neustria... a Neustria, a melhor província que me resta... e além disto...

— Mas como o rei hesitava em terminar a sua frase, Ghisela, enxugando as lágrimas, disse-lhe maquinamente:

— E que mais exigem, meu pai?

Karl guardou silêncio, estremeceu: depois, vencido a imbecil fraqueza do seu caráter, exclamou derramando copiosas lágrimas:

— Não! não quero! por muito tolo que eu seja, isso não sucederá... não, ao menos uma vez na minha vida serei réi!

— E apertando a filha nos braços, cobriu-a de lágrimas e de beijos, dizendo-lhe:

— Não, não, não, ele não possuirá a minha Ghisela, aquele velho salteador! casar... contigo, tu que és a neta de Karl-o-Grande... tu, uma menina apenas com quatorze anos de idade... Olha, mais vale que eu te mate; do que te veja mulher de Rolf... e que eu tam-bém morra...

Ghisela escutava seu pai quase sem o compreender; julgando alucinado o espírito daquele infeliz, contemplava-o com um mixto de dúvida e de perplexidade, quando um novo personagem entrou na sala;

este homem era Francon, arcebispo de Ruão. O seu

rosto impassível, frio e austero, parecia uma máscara de mármore; avançou vagarosamente até ao pé de Ghisela e do rei, que ainda estavam estreitamente abraçados, depois disse com a sua voz sacudida, indicando com o gesto a cortina por detrás da qual estivera até então escondido:

— Karl, eu estava ali, ouvi tudo.

— Tu espionavas-me, exclamou o rei, atreves-te a isso!

— Desconfiava da tua fraqueza; depois da nossa conversação com Roth-berto, segui-te e ouvi tudo.

Depois, dirigindo-se a jóvem, que, alucinada, caiu num asento a tremer, o arcebispo de Ruão acrescentou com voz ameaçadora:

— Ghisela, escuta-me, tu pai falou a verdade, ele já não é rei senão no nome; o pouco território de que ainda é senhor está como a sua coroa à mercê dos senhores franceses; elas o destronarão quando lhes aprouver, do mesmo modo que destronaram Karl o Gordo, e coroaram há vinte e cinco anos Eudes, conde de Paris.

— Sim, sim..., ainda haverá um bispo para sagrar

o novo usurpador, como apareceu um para sagrar o conde Eudes, não é verdade, Francon? exclamou o Tolo com amargura. Tal é a gratidão dos sacerdotes a descendência desses reis franceses, que tornaram a igreja

tão poderosa e tan rica!

— A igreja não deve nada aos reis, e elas devem-lhe a remissão dos seus pecados! respondeu desdenhosamente o arcebispo; se os reis doavam muito à igreja nesse mundo, por isso têm recebido o centuplo no céu e por toda a eternidade; escuta, pois, as minhas palavras, Ghisela... Se em consequência da tua recusa ou da de teu pai, os pagões north-mands recomeçam na Gália a guerra terrível, sacrilega, à qual prometeram pôr fim no caso de se conceder ao seu chefe Rolf a tua mão e a Neustria! tu teu pai sei que os únicos responsáveis pelos terríveis males que recaem sobre o país.

— Francon, escute-me, replicou Karl o Tolo, com

A BATALHA

CONSELHO TÉCNICO

DA CONSTRUÇÃO CIVIL

legítimo meio: AURÉLIA, daíscia privilegiada e acreditada universalmente que tem maior duração.

DÚZIA 50 CENTAVOS

(cuidado com as imitações)

aos centos e aos milhares, assim como

sacos, rodas, tubos, pipas e tampões,

os melhores preços para revenda.

Pedidos a CARLOS A. SANTOS

Depósitos: Rue do Arsenal, 80—LISBOA

As melhores são

das União.

TOMÉ FERREIRA

Vila do Conde, 10—LISBOA

Pedir em todos as lojas de ferragens.

Em preços e tamanhos rivalizam com

as melhores marcas inglesas.

Juventudes, etc.

Grande sortimento em material escolar,

artigos de papelaria e escritório, sempre

nos preços mais baixos do mercado.

MISERVELLES, ilustrada por assinaturas,

tomos e encadernada com capas especiais

em 2 grandes volumes a 40\$00, acrescentando-

50% de porto e embalagem para

